

# Associação Nacional de História – ANPUH

## XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

### Grupo escolar de Mariana: política, educação e cotidiano escolar

Rosana Areal de Carvalho<sup>1</sup>

Lívia Carolina Vieira.<sup>2</sup>

#### Resumo

Os referenciais da nova história política possibilitam o estudo das relações entre a esfera política e educacional. Em Minas Gerais destacam-se as pesquisas sobre a Reforma João Pinheiro que instituiu os grupos escolares. Estudos publicados apontam para um cenário com características comuns e particulares, pertinentes a cada município e escola. Este trabalho é desdobramento de uma pesquisa sobre o Grupo Escolar de Mariana. As fontes desta pesquisa são os acervos da escola e do Arquivo Público Mineiro. A pesquisa inicial apontou para inúmeros recortes e aspectos interessantes acerca do cotidiano e dos sujeitos escolares. Dentre esses sujeitos nossa atenção recaiu no primeiro diretor: José Ignácio de Sousa que ocupou o cargo de 1909 até 1917. No desenrolar da pesquisa descortinou-se um segundo personagem que manteve com a escola laços muito fortes: Gomes Henrique Freire de Andrade, médico, Presidente da Câmara Municipal e senador estadual. Teve seu nome vinculado à Caixa Escolar, considerado como patrono e fundador do grupo, que recebeu seu nome entre 1914 e 1931. O objetivo é apresentar as relações entre estes personagens e as influências no cotidiano escolar, destacando as interferências políticas, a concepção de educação e os entrelaçamentos entre higienismo e educação.

**Palavras-chaves:** política, educação, cultura escolar

#### Abstract

The reference book about the present political history enables to study the relations between politics and education. In Minas Gerais the researches about the changes made by João Pinheiro, who instituted the grammar school, stucked out. The published researches showed us a scene with common and particular features apt each borough and each grammar school. This work is an extension from a research about Mariana's grammar school. The source of this research is the reference library of that school and the Public Archives of Minas Gerais. The first research showed many interesting aspects form everyday and the school characters. One of these characters attracted our attention: the first headmaster, José Ignácio de Sousa, who held the office from 1909 to 1917. During this research a second character who kept up a strong relationship with that school came on the scene: Gomes Henrique Freire de Andrade, a doctor who was the president of the Municipal Council and a senator of Minas Gerais. He had his name linked with the school cash and was considered as patron and founder of the grammar school, whom received his name from 1914 to 1931. The goal of this work is to show the relation between these characters and their influence on school everyday, standing out the political interference, the concept of education and the relationship between hygiene and education.

**Key words:** politic, education, culture school.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Ouro Preto; doutora em Ciências Humanas.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Ouro Preto; graduanda em História.

No âmbito da história da educação, a historiografia mais tradicional pautou-se pela descrição e arrolamento das legislações pertinentes a tal prática social. Mais recentemente, o intenso debate preconizado pela nova história, ampliou horizontes no tocante a documentos, objetos e abordagens, produzindo profundas modificações no campo da pesquisa educacional, atraindo historiadores para uma área na qual até então predominavam os pedagogos.

Nessa mesma trajetória de renovações metodológicas, destaca-se a “nova história política”, cujas abordagens possibilitam uma maior aproximação do cotidiano escolar se compreendemos que na aplicação de uma legislação educacional interferem fatores singulares, próprios a cada contexto. Isto significa que medidas de âmbito nacional ou estadual encontram repercussões particulares a cada ambiente, em função das forças locais internas e externas à escola.

O cenário abordado neste trabalho é o Grupo Escolar de Mariana, em Minas Gerais, instalado em 1909, respondendo à Reforma João Pinheiro (1906) que estabeleceu o novo modelo de escolarização – o grupo escolar, em detrimento do modelo das escolas isoladas, fortemente identificado com o estado imperial, ou seja, o estado conservador, elitista e desvinculado das modernas propostas de desenvolvimento. Apesar de ser uma reforma de âmbito estadual, a implantação dos grupos escolares respondeu a um jogo político de maior ou menor proximidade com os ideais republicanos, conforme a realidade local. Tal conjuntura, dentre outras, nos ajuda a responder por que em algumas localidades esta reforma foi atendida de imediato e em outros municípios a instalação do grupo escolar foi mais tardia.

Um dos postulados da “nova história política” defende que esta não abrange apenas a elite que elabora as leis, mas também a população sobre a qual incide tais leis e que as cumpre de acordo com a realidade imediata. Como falar de instrução pública sem falar de política? Como falar de escola sem considerar as relações de poder nela existentes?

Portanto, em paralelo ao discurso legal que norteou as práticas educativas do início do século XX no Estado de Minas Gerais, este trabalho lança olhares sobre a reelaboração da legislação no cotidiano do Grupo Escolar de Mariana, espaço no qual atuaram diversos sujeitos – diretores, professores, servidores, alunos, pais de alunos – com diferentes visões de mundo, concepções políticas e educacionais; que ocupam distintas posições sociais das quais emergem valores diferentes expressos no discurso e na disposição para a execução das ordens emanadas pelo poder. Mais exatamente, procura compreender as relações estabelecidas entre dois personagens que ocuparam postos distintos e importantes no cenário escolar: José Ignácio de Sousa, primeiro diretor da escola, que ocupou o cargo de 1909 a 1917; e Gomes

Henrique Freire de Andrade, considerado patrono da escola, médico de profissão, professor e político de grande atuação em Mariana.

Começamos por situar a instalação do Grupo Escolar de Mariana ocorrida em 08 de agosto de 1909, quando tomaram posse o diretor e o corpo docente, constituído por 7 professoras e 1 professor, a partir da reunião das escolas isoladas existentes no centro da cidade. Suas atividades iniciaram-se no Prédio de Câmara e Cadeia e, anos depois ocupou um prédio à Rua Dom Viçoso. Apenas em 1931 é que irá ocupar prédio próprio.

Com a denominação de Grupo Escolar de Mariana permanece até 1914, quando passa a ser conhecido por Grupo Escolar Gomes Freire. Gomes Freire teve seu nome também vinculado à Caixa Escolar criada em 1911. Em 1931, a escola recebe a denominação de Grupo Escolar Dom Benevides.

Não obstante a “nova história política” dar espaço para os cidadãos comuns, não são estes personagens os que deixaram registros na história da sociedade. Por isso mesmo, nosso trabalho de reconstituição do cotidiano escolar, ou mesmo, do cenário educacional em Mariana, nas duas primeiras décadas do século XX, destacando as ações e relações estabelecidas entre os personagens selecionados – José Ignácio de Sousa e Gomes Henrique Freire de Andrade – não tem sido fácil. Apesar da atuação política de Gomes Freire, os registros e documentos que denunciam sua trajetória não foram reunidos em nenhum acervo localizado até agora; menos ainda no que diz respeito a José Ignácio de Sousa.

O percurso da pesquisa encontra-se, no momento, na fase de reconstituição das histórias de vida desses personagens, para depois estabelecer os vínculos e as aproximações entre eles. As primeiras informações foram obtidas a partir de entrevistas com seus netos. Outras informações temos encontrado em jornais da época, trabalhos de memorialistas e biografias de contemporâneos.

Com as mudanças advindas da Reforma João Pinheiro, em 1906, o diretor escolar passou a ter a função de fiscalizar, disciplinar os alunos, os professores e todos os funcionários que servissem sob sua direção. O novo modelo escolar tinha o desafio de criar uma escola de qualidade, que fosse símbolo de liberdade ao mesmo tempo em que difundia um padrão de instrução, de educação. Na busca de tais objetivos a escola demandava organização, disciplinarização, programa, regulamentos e indivíduos que, assimilando tudo isso em ideais pessoais, se dispusessem a praticar e lutar pelos mesmos.

José Ignácio de Sousa era um desses personagens. Natural de Coqueiral, Minas Gerais, descendia de uma família judaica que se instalou no sul do estado, fugindo da perseguição inquisitorial. Formou-se na Escola de Farmácia de Ouro Preto, em 1898,

permanecendo na região, em virtude de dois casamentos com mulheres de famílias locais. Sua segunda esposa, Anna de Godoy, foi professora no Grupo Escolar de Mariana. No final dos anos 10 do século XX deslocou-se para Ituiutaba e, posteriormente, para Uberlândia, onde faleceu. Nestas cidades continuou a desempenhar atividades vinculadas à educação.

Assumiu a diretoria do Grupo Escolar de Mariana em 09 de agosto de 1909, conforme consta no livro “Termo de posse”. O cargo de diretor de grupo escolar era revestido de muito prestígio, estando no mesmo nível do juiz de paz, do delegado e outras autoridades. Que razões sustentaram essa indicação?

Baseado nos relatórios dos inspetores escolares, Faria Filho afirma que: “O êxito dos grupos escolares depende, em regra, da sua direção. Os diretores são a alma desses estabelecimentos; depende de sua boa vontade, de seus esforços, de sua competência, de seu patriotismo ...” (FARIA FILHO, 2000:95)

Dos documentos escolares, sejam os contidos no acervo da própria escola, sejam os pertencentes ao Arquivo Público Mineiro, em sua maioria correspondências trocadas entre o diretor e a Direção da Instrução Pública, emerge essa figura ímpar de José Ignácio de Sousa. Especial destaque podemos fazer para o relatório das atividades escolares<sup>3</sup> ocorridas durante o ano de 1911 e o detalhado inventário escolar da mesma época.

Como nos declarou Miracy Barbosa Sousa Gustin<sup>4</sup>, neta de José Ignácio, este já atuava como professor de Português antes de assumir a direção do grupo escolar. Segundo ela, o gosto pela leitura e as ações indigenistas, o acompanharam durante toda vida, tendo, inclusive, redigido um dicionário de tupi-guarani e participado do antigo Serviço de Proteção aos Índios – SPI.

Enquanto republicano e maçom, assumiu posições mais a esquerda nos anos vividos em Uberlândia, causa de alguns constrangimentos impingidos à família tempos depois com as mudanças políticas. Durante o período Vargas, filiou-se à Aliança Nacional Libertadora e levou o filho – Manoel Tomaz – a candidatar-se a deputado pelo Partido Comunista e filiar-se ainda ao Partido Trabalhista. Mais que contemporâneo, foi amigo íntimo do Barão de Itararé<sup>5</sup> e Monteiro Lobato<sup>6</sup>, ambos perseguidos pelo governo getulista.

---

<sup>3</sup> Este relatório foi objeto do trabalho aprovado para apresentação no IV Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação de Minas Gerais – Juiz de Fora, 07 a 10 de maio de 2007.

<sup>4</sup> Entrevistada em 02 de fevereiro de 2007, às 16h, em sua sala de trabalho na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>5</sup> Pseudônimo de Aparicio Torelly, um dos fundadores da ANL e vereador da Câmara do Distrito Federal pelo PCB, a partir de 1945.

<sup>6</sup> Escritor, jornalista, defensor contumaz da exploração de petróleo no Brasil.

Sua atividade como educador continuou após sair de Mariana: fundou a primeira escola de Ituiutaba; em Uberlândia destaca-se a criação da primeira escola de formação de professores, que veio a se constituir no Colégio Brasil Central; do Grupo Escolar Afonso Arinos, uma escola pública; e ainda colaborou na criação do primeiro internato misto de Uberlândia.

Decorrente desta trajetória, entendemos que sua indicação para direção do Grupo Escolar de Mariana cumpria o objetivo de afirmar a posição republicana para educação, sendo defensor dos novos métodos de ensino e cumprindo a risca com as determinações legais que lhe competiam como diretor. Dentre estas, a de enviar um relatório anual. Em 1911, o relatório redigido por ele e enviado a Delfim Moreira - Secretário dos Negócios do Interior do Estado de Minas Gerais, revela uma concepção de educação bem aos moldes republicanos, conferindo ao estado a responsabilidade com a mesma, desqualificando a iniciativa particular. Por outro lado, confere à ação docente um quê de missão, relacionando magistério com vocação.

O cotidiano escolar então estava permeado por uma concepção política e educacional expressa pelo pensamento republicano defendido seja na figura do diretor seja na constante presença do expoente político da época – Gomes Freire, então Presidente da Câmara Municipal.

Gomes Henrique Freire de Andrade, republicano convicto, nasceu em Mariana no dia 3 de janeiro de 1865 e teve como pais Antônio Gomes Freire de Andrade e Maria Augusta Lebet Freire de Andrade. Órfão de pai, iniciou os estudos no Seminário de Mariana, dando continuidade no Liceu Mineiro de Ouro Preto, de onde seguiu para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

O contato com o ambiente das agitações republicanas que assolavam o Rio de Janeiro influenciou-o profundamente no caminho político seguido desde então, tornando-se um adepto do novo modelo de governo que viria a ser implantado. Ainda acadêmico de Medicina, teria recebido um convite para ocupar uma cadeira de deputado na Assembléia Provincial, que foi recusado sob a justificativa de reservar suas colaborações para o novo regime. Sem muitos recursos na época tornou-se um acadêmico jornalista e com louvor defendeu a tese sobre “raiva hidrofóbica” em 1887, no ano anterior a sua formatura. Apesar de suas posições francamente republicanas foi capaz de desempenhar o papel de orador de turma, sendo a patronesse a Princesa Izabel.

De volta a Mariana, trazendo na bagagem os ideais republicanos, foi eleito deputado aos 26 anos, sendo um dos signatários da Carta Constitucional de Minas Gerais de

15 de junho de 1891. Em 1900, com mais 13 companheiros, fundou um órgão de imprensa denominado inicialmente “Rio do Carmo” que, em janeiro de 1905, surge com nova denominação – “O Germinal”. Consta que, além de órgão de imprensa, funcionou como um diretório político.

Outra iniciativa de Gomes Freire foi a criação da Sociedade Musical “União 15 de Novembro”, em 1901. Além do nome da sociedade – uma clara homenagem à Proclamação da República, na edição do periódico “O Germinal” de 15 de novembro de 1922, lê-se: “foi no tempo das grandes lutas políticas em que todos nos empenhávamos no árduo afã de conseguir a vitória de nosso partido, que nasceram em nossa terra ‘O Germinal’, então ‘Rio do Carmo’, - e a ‘União 15 de Novembro’”.

Com a conquista de muitos adeptos, assim que o partido republicano tornou-se dominante, elegeu-se presidente da Câmara Municipal de Mariana, posto que ocupou por vinte anos. No decorrer de sua carreira política elegeu-se também senador estadual e deputado federal por Minas Gerais, dando sua colaboração na implantação do novo regime. No desempenho desses cargos políticos estabeleceu fortes vínculos com Dr. João Pinheiro, então Presidente do Estado, com o qual contribuiu em várias ações de âmbito educativo.

O respeitado médico e político foi também professor da Escola de Farmácia de Ouro Preto por mais de 30 anos, ministrando a disciplina de higiene e microbiologia. De acordo com seu neto, Sylvestre Freire de Andrade<sup>7</sup>, o Dr. Gomes Freire não cobrava pelos atendimentos feitos em seu consultório. Sua renda provinha de médico da Companhia Mineradora Mina de Passagem e do cargo de professor. Junto com a presidenta da congregação que mantinha o Colégio Providência, foi um dos idealizadores do primeiro hospital de Mariana. Seu prestígio – político e profissional – atingia toda a região.

Sua relação com a educação o levou a ser indicado por João Pinheiro como representante de Minas Gerais no 3º. Congresso da Instrução Secundária ocorrido na Bahia, em 1918, defendendo lá as propostas educacionais republicanas.

No círculo de suas amizades podemos destacar Alphonsus de Guimaraens, que além de fazer referências a Gomes Freire em algumas de suas poesias, também foi colaborador em “O Germinal”. Na biografia escrita pelo neto do escritor (GUIMARAENS FILHO, 1995:200) encontramos dois capítulos dedicados a esta amizade, dos quais destacamos o trecho:

---

<sup>7</sup> Entrevistado em 30 de janeiro de 2007, às 9:30h, em sua residência, em Belo Horizonte.

*Pode dizer-se que teu grande amigo em Mariana foi o médico Dr. Gomes Freire de Andrade. Letrado, sensível, chefe político, professor, senador, interessado em tua vida, de tocante solicitude. Nos versos humorísticos que viria a escrever em Mariana há dois sonetos que falam do Dr. Gomes, como era familiarmente chamado.*

A continuidade do trabalho busca identificar as influências e contatos entre José Ignácio e Gomes Freire. A hipótese é que o primeiro encontro teria se dado na Escola de Farmácia de Ouro Preto: aluno e professor. O relacionamento viria a se estreitar a partir de suas posições políticas e do valor atribuído à educação na formação dessa nova sociedade almejada com a Proclamação da República.

É importante recuperar o cenário das idéias e concepções que circulavam no Brasil ao final do século XIX e início do século XX. De antemão podemos destacar as influências do positivismo na atuação de José Ignácio de Sousa, tanto no âmbito da educação quanto nas atividades do indigenista; e o higienismo, nas ações de Gomes Freire, sob a vertente que levou muitos médicos a se dedicarem ao tema da medicina social, como aqueles que buscaram na educação o veículo de propagação dos princípios higienistas, tão caros a um país que se queria moderno, civilizado, progressista.

No campo político, a Revolução de 1930 alterou o jogo das forças políticas em todo o país. No bojo deste movimento, Gomes Freire perdeu seu espaço político em Mariana e transferiu-se para Belo Horizonte. José Ignácio de Sousa, já em Uberlândia, abrigou amigos perseguidos pelo governo getulista. Mais uma vez, apesar da distância física, algo em comum os unia: a oposição ao Estado Novo.

### **Fontes Primárias:**

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. *Correspondências referentes aos grupos escolares*, SI 3440, 1913.

GRUPO ESCOLAR DE MARIANA. *Livro Termos de Posse*, 1909 a 1964. Arquivo da Escola Estadual Dom Benevides.

MINAS GERAIS. Regulamento a que se refere o Dec.n. 3.191 de 9 de junho de 1911.

O GERMINAL. Mariana, 28 de fevereiro de 1914.

O GERMINAL. Mariana, 08 de março de 1938.

SOUSA, José Ignácio de. *Relatório do Grupo Escolar de Mariana de 1911*. Arquivo Público Mineiro, Fundo da Secretaria do Interior, subsérie 2, Correspondências referentes aos Grupos Escolares, SI 3407.

### Referências bibliográficas

- DIAS, José Ramos. *Apontamentos históricos do Sesquicentenário da Escola de Farmácia de Ouro Preto*. 3ed. rev. Ouro Preto: UFOP/Escola de Farmácia, 1989.
- FALCON, Francisco. Por uma História Política. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República*. Passo Fundo: UPF, 2000.
- GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Departamento Nacional do Livro, 1995.
- JULLIARD, Jacques. A política. In: GOFF, Jacques Le; NORA, Pierre (dir.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, pp.180-196.
- MANSUR, Elias Salim. *Súmula histórica da Sociedade Musical “União 15 de Novembro”*. Mariana: Dom Viçoso, 2001. (1ª. edição, do autor, 1951)
- MOURÃO, Paulo Krüger Corrêa. *O ensino em Minas Gerais no tempo da República*. Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais, 1962.
- RÉMOND René. *Por uma história política*. 2ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- VEIGA, Cynthia Greive. História Política e História da Educação. In: VEIGA, Cynthia Greive e FONSECA, Thais Nívia de Lima (org.). *História e Historiografia da Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.13-49.